

Seção: Imigração, Emigração e Gênero

MASCULINIDADES QUE CRUZAM FRONTEIRAS

Jamylle Rebouças Ouverney-King¹

Adversity is the first path to truth.

(Lord Byron, 1823)

RESUMO: Neste artigo traço um breve panorama sobre os estudos de masculinidades, pois são uma possibilidade de análise das representações culturais de homens anglo-americanos que migraram para a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Investigo os relatos de quatro sujeitos ao materializarem as experiências acerca do migrar, suas vivências e motivações. Utilizo a metodologia da interdisciplinaridade para unir áreas como a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2010a, 2010b), os estudos culturais (Hall, 1997), os estudos sobre migração (Woodward, 2000; Sassen, 1997) e os estudos de gênero, com foco em masculinidades (Montesinos, 2005; Connell & Messerschmidt, 2005) e analisar os discursos dos sujeitos que escolheram mudar para a cidade “onde o sol nasce primeiro”. Observei que, no decorrer do processo de adaptação, os sujeitos incorrem em experiências, tanto negativas quanto positivas, e estas são fundamentais para moldar o (re)posicionamento subjetivo, pois com

base nelas eles refletem sobre suas práticas sociais cognitivamente e as remodelam a partir de processos de identificação, representação e pertencimento, que podem tanto lhes conferir subordinação à cultura brasileira quanto maior prestígio. Choques linguísticos, comerciais, corporais e culturais moldam sujeitos híbridos que optaram por viver no litoral nordestino do Brasil e aqui se realizam pessoal e profissionalmente, demonstrando seus sentimentos agenciados, muitas vezes, pelas heranças familiares ou pela díade amorosa.

Palavras-chave: Anglo-americanos. Migração. Choque cultural. Híbrido. João Pessoa

ABSTRACT: In this article I outline an overview of the studies of masculinities since this theoretical framework allows for an analysis of cultural representations of Anglo-American men who moved to the city of João

¹ Mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2009), DELTA pela Cambridge University (2009) e doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Atualmente é professora de língua inglesa e do curso de Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Pesquisa os seguintes temas: ESP, EFL, textos multimodais, SFL, interdisciplinaridade, estudos culturais, ACD, História Oral, masculinidades e migrações. E-mail: jamylle@ifpb.edu.br. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7400430658889149>.

Pessoa, the capital of Paraíba. I investigate the narratives of four individuals while and their experiences in relation to their migration, their cultural training and motivations. I make use of interdisciplinarity while interfacing areas such as Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2010a, 2010b), cultural studies (Hall, 1997), migration studies (Woodward, 2000; Sassen, 1997) and gender studies with focus on masculinities (Montesinos, 2005; Connell & Messerschmidt, 2005) to analyze the discourse of Anglo-American men who chose to move to the city “where the sun rises first”. I have observed that the individuals go through a plethora of experiences during their adaption, not only positive but also negative. However, these experiences are essential to shape their subjective (re)positioning, since such experiences allow them to reflect cognitively upon their social practices and reshape them based on processes of identification, representation and belonging, which may subordinate them to the Brazilian culture or grant them higher prestige. Linguistic, economic, personal and cultural clashes shape people who chose to live on the northeast coast of Brazil, where they self-actualize personally and professionally while expressing their feelings motivated by family heritage or conjugal life.

Keywords: Anglo-American men. Migration. Cultural clash. Hybrid. João Pessoa

Um breve passeio pelas masculinidades

Assim como os estudos de gênero, os estudos sobre masculinidades bebem da fonte dos

movimentos feministas, movimentos de *gays* e lésbicas, como mostra Claudia de Lima Costa (2001), passando por uma forte influência que tem por base os conceitos de poder, opressão, chegando as questões dos transgêneros (Connell e Messerschmidt, 2005). O conceito de masculinidades experimentou reformulações e críticas, alcançando hoje, no século XXI, uma noção ampla e que permite pesquisas e debates não exclusivamente sobre as masculinidades hegemônicas, mas sobre as não hegemônicas, sempre tomando por base as relações de gênero e não somente as relações estabelecidas entre homens. Assim, é possível uma abrangência mais democrática, abarcando, nesse caso, relações entre homens, mulheres, masculinidades, feminilidades, com características hegemônicas ou não.

Os trabalhos sobre homens, posteriormente denominados de estudos sobre masculinidades, datam da década de 70 do século XX, segundo Margarita Zárate Vidal (2005). A autora faz uma revisão teórica de autores como Malinowski, Evans-Pritchard, Margareth Mead, O. Lewis e Lévi-Straus, que discutem a temática à época enquanto problematização da questões

de feminilidade e masculinidade. Raewyn Connell e James Messerschmidt (2005) acrescentam que, durante as décadas de 80 e 90 do século XX, o campo de estudos sobre homens consolidava-se e passava a ser conceituado como “masculinidade hegemônica”², gravitando por áreas que buscavam entender as dinâmicas de sala de aula, os padrões de resistência, o *bullying* e a representação da figura masculina nos esportes, nas guerras, na apreciação pelos riscos, nos estudos organizacionais, burocráticos e sobre locais de trabalho.

Dos anos 1980 aos anos 2000, o conceito passou de ‘masculinidade’ a ‘masculinidades’, pois estudá-lo como plural é considerar não somente as relações patriarcais e as diferenças de gênero, mas incluir noções como relações de poder, de submissão, de controle, de relações hegemônicas ou não, de gênero e outros marcadores – nem todos abordados nesta pesquisa, mas que auxiliam na constituição e compreensão das masculinidades contemporâneas.

Connell e Messerschmidt (2005,

p. 836-844) historicizam o conceito de masculinidades hegemônicas e, ao mesmo tempo que o fazem, realizam críticas sugerindo quais elementos a noção de masculinidades deve contemplar enquanto categoria analítica relacional, a saber: considerar questões de poder e dominação; produzir uma tipologia que assuma a posição de um sujeito com masculinidades mutáveis, que tanto podem ser modificadas, quanto modificáveis, pois são “construídas, desdobradas e mudam através do tempo”; inserir questões sobre diferença e exclusão; fugir de uma visão que naturalize os corpos, tanto o masculino, quanto o feminino, afinal, é um conceito relacional; não assumir posturas reificadas ou homogeneizadoras; e, conseqüentemente, concentrar em uma abordagem relacional, sem dicotomizar as relações; não tornar o sujeito invisível em detrimento da estrutura externa do mesmo; expandir do plano discursivo para a dimensão social de análise; e, por fim, mas no mesmo patamar de importância dos anteriores, investigar masculinidades é não

² A publicação de “Hegemonic masculinity. Rethinking the concept”, em 2005, trouxe uma nova forma de abordar os estudos do ponto de vista relacional sob a ótica da ‘masculinidade

hegemônica’. Os autores são pioneiros nos estudos sobre masculinidades e tiveram grande impacto na academia brasileira.

assumir posições dualistas, isto é, se ela é hegemônica, não hegemônica, subordinada e dominante, afinal todas são masculinidades.

É importante, então, pensar em masculinidades como processos. Por isso, adoto aqui o termo no plural, pois tenho em mente a diversidade presente nas masculinidades e não tenho que submeter um modo de masculinidade a uma posição hegemônica ou a uma noção que pode ser associada a abordagens patriarcais, já que estas favoreceriam a ideia de uma hierarquia entre as masculinidades.

Além disso, questões locais, regionais e globais são impossíveis de serem deixadas de fora do campo de estudos das masculinidades (Connell e Messerschmidt, 2005; Albuquerque Junior, 2008). Com isso em mente, reflito que a presença de estrangeiros em território brasileiro gera percepções sobre seu contato cultural e potenciais reações etnocêntricas nas relações de gênero. Motivada pela curiosidade em saber as razões que trazem os sujeitos em um movimento contrário ao padrão migracional, que seria na direção do hemisfério Norte para o Sul, trago um recorte da pesquisa de doutoramento em que investiguei as trajetórias de seis

Anglo-Americanos que realizaram o movimento do Sul para o Norte e, assim, deixaram seus países de origem no hemisfério Sul para viver na cidade litorânea de João Pessoa, capital da Paraíba, localizada no hemisfério Norte.

Aqui, promovo um recorte e trago a visão de três ingleses e um estadunidense por mim entrevistados, em conjunto com a reportagem que apresenta, do mesmo modo, a entrevista de um brasileiro filho de um inglês e uma brasileira, e suas percepções sobre vários contextos de situação, entre eles a migração do pai.

Para uma melhor contextualização de como trabalho a pesquisa neste artigo inicio apresentando, brevemente, um pouco sobre quem são esses estrangeiros selecionados para as entrevistas. Em seguida, passo ao processo de investigação teórico-metodológica, apontando quais teorias serviram de base para a elaboração e realização da entrevista e, conseqüentemente, sua análise e interpretação. Sigo mostrando a importância da ponte entre os estudos sobre migração e as masculinidades. Acompanhando esse fio condutor, abordo então como os relatos sobre adaptação contribuíram para o

(re)posicionamento subjetivo dos sujeitos em meio às vivências de choque culturais e heranças ou aproximações familiares. Por fim, lanço algumas ponderações sobre as conexões aqui estabelecidas e como estas são importantes para os estudos contemporâneos acerca da migração, estudos culturais, entre outros campos epistemológicos das ciências humanas.

Quem são esses estrangeiros?

Durante o período de Maio de 2012 a Outubro de 2013 entrevistei seis sujeitos anglo-americanos sobre suas motivações de migração para a *Terra Brasilis*. Me aproximei deles ora por prévio conhecimento, pois já havíamos trabalhado juntos, ora por recomendação de amigos que sabiam da minha pesquisa e me recomendavam seus conhecidos. Todos foram solícitos em atender ao meu convite de entrevista e com alguns, que dispunham de tempo livre, consegui até a oportunidade de uma segunda rodada de entrevistas. Para esta publicação optei por trazer os excertos de somente quatro deles, já que seriam os mais representativos da

temática que aqui discuto, pois em seus discursos observei as questões aqui levantadas em maior evidência. Os entrevistados são os ingleses Peter, Steve e Robert e o estadunidense Kevin³.

Utilizo, também, como referência a entrevista de Andrew Barlow concedida ao Jornal Correio da Paraíba (30 jun. 2013), sobre seu pai, David Barlow, e a relação com a Cultura Inglesa na cidade de João Pessoa. Não se trata de ‘corroborar’ a fonte oral através da fonte escrita ou vice-versa, mas de uma possibilidade que vai além do relato oral para mostrar como se assemelham ou se diferenciam as fontes. Uma chance de mostrar as ‘ucronias’ (Portelli, 1993), em outras palavras, de mostrar as alternativas para os eventos narrados e discutidos em diferentes perspectivas. Quando são apontadas variações, entre as fontes escritas e as orais, estas são importantes para identificar, por exemplo, como os eventos são (re)significados pelos narradores, ou ainda pelos relatores, já que uma reportagem dispõe da

³ A pedido de um dos entrevistados e buscando trazer uniformidade à pesquisa, seus nomes, de familiares e amigos, caso tenham surgido durante a entrevista, foram alterados para que fossem mantidas as identidades em sigilo. Os únicos cujos nomes foram mantidos são

Andrew Barlow e David Barlow, já que tratam-se de matérias publicadas em jornais de domínio público. Para fins de referência, estarei utilizando (Barlow, 2013), quando fizer citações que tomam o texto dessa entrevista como fonte.

participação de outros critérios como o objetivo da divulgação da notícia, o olhar e o conhecimento de mundo do repórter, entre outros elementos que conduzem o conteúdo para um determinado objetivo. Aqui não iremos analisar tais elementos e a matéria jornalística do Correio da Paraíba serve como fonte de informação e também ao estabelecimento de pontos de vista, que quando analisados revelam semelhanças ou diferenças entre os sujeitos entrevistados e a narrativa do filho sobre a experiência paterna.

Á época da entrevista a distribuição etária entre os entrevistados era a seguinte: Steve com 67 anos; Robert com 47 anos e Peter com 38 anos. Infelizmente, não disponho das informações sobre a idade de Kevin, mas infiro que ele esteja na faixa de 40 anos. David Barlow encontra-se acima dos 80 anos.

Registrado como ocupação profissional, os sujeitos exercem, ou já exerceram, pois estão aposentados, o ofício de professores de Inglês em escolas privadas de língua, ou instituições governamentais provenientes dos países de origem, especializadas em oportunidades educacionais e relações culturais entre a sociedade de origem e a de destino. A

atividade de lecionar inglês não está necessariamente relacionada à formação profissional dos sujeitos na sociedade de origem, uma vez que alguns não são graduados em Letras ou não possuem cursos de magistério, porém é um elo em comum para todos eles e configurou-se como elemento-chave no processo de adaptação, já que o ofício agencia elementos de empregabilidade e sociabilidade, estabelecendo o conhecimento linguístico enquanto uma conexão transnacional valiosa.

Eles compartilham de outras semelhanças, a saber: possuem a mesma língua materna – o inglês – apesar das diferenças linguísticas relativas a sotaque, vocabulário, ritmo, sem mencionar as variações linguísticas entre os países e os estados onde nasceram. São casados com cidadãs brasileiras e com exceção de Robert, os demais possuem entre um e dois filhos, entre os grupos etários de crianças, adolescentes ou adultos. São, em sua maioria, moradores da Zona Leste da cidade, bairros onde o espaço urbano beira o mar, ou localizam-se próximos as praias dos bairros Manaíra, Bessa e Intermares, os dois primeiros integrantes do município de João Pessoa e último do município de

Cabedelo e parte integrante da chamada Grande João Pessoa. Áreas consideradas relativamente nobres, não somente no senso comum, como também pela especulação imobiliária. O interesse pela proximidade costeira também representa um critério no processo de escolha dos sujeitos pela localidade que buscam para morar: perto do mar.

Aqui, analiso os discursos dos sujeitos e suas relações culturais em meio ao processo de adaptação ao Brasil, o que me permite materializar uma visão, ao mesmo tempo global e singular, da experiência do migrar nas vidas de homens anglo-americanos e as expressões relacionais de masculinidades.

Como analisar o que eles dizem?

Suas narrativas revelaram percepções sobre diferenças e (re)construções de visões culturais. Mas como descortinar essas percepções? Inicialmente, a metodologia da História

Oral (HO) permite a elaboração de perguntas abertas, a aplicação destas na forma de entrevistas que utilizam a trajetória de vida (Alberti, 2005) como fio condutor adicionam subjetividade ao processo de construção da narrativa, pois é a vida do entrevistado e sua experiência que determinam seu modo de ver o mundo. A HO também serve ao propósito de elaboração de interpretações que descrevem o que o narrador deseja revelar, independentemente da veracidade do fato ou não, e tais interpretações são uma maneira de preservar um momento na vida do sujeito que serve às investigações presentes nas *soft sciences*, nos estudos culturais contemporâneos e nas abordagens migracionais.

Isto posto, me inspiro na metodologia de investigação linguística da Análise Crítica do Discurso (ACD) para refletir a respeito das narrativas transcritas⁴, uma vez que “o discurso

4 Optei por manter os excertos no original em inglês, pois assim algumas características são melhor evidenciadas. Contudo, dos quatro entrevistados, aqui apresentados, somente um optou pela língua portuguesa como forma de comunicação – Steve. Além disso, procurei, durante a transferência do material do meio auditivo para o escrito, incorporar os elementos paralinguísticos de acordo com os códigos, a saber: pausa []; pausa longa [pl]; risos [r];

quando há uma hesitação [h]; quando há uma mudança de tópico [mt]; interrupção [/]; [palavra(s)] quando o entrevistado utiliza um termo ou expressão diferente da língua enunciada, neologismo ou tradução aproximada, nesse caso estarei utilizando os [] para colocar o termo ou expressão equivalente; entonação mais forte através do recurso **negrito**, tanto para uma palavra quanto para uma expressão ou frase; *italico* para expressões

contribui [...] para a construção do que é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições subjetivas’ para os ‘sujeitos’ sociais e tipos de ‘self’” (Fairclough, 2010a, p. 64), categorias caras para essa pesquisa, que tem os sujeitos como ponto central. A inspiração na ACD (Fairclough, 2010a, 2010b) serve ao propósito de investigar a fala em relação à transformação social pessoal e potenciais manifestações etnocêntricas, além é claro, das relações de gênero.

A análise é tridimensional já que envolve a investigação da intersecção entre texto, discurso e prática social (Fairclough, 2010a). Desta forma, lanço mão de lexicalizações, nesse caso, uso de expressões em língua diferente da utilizada na entrevista para a análise textual. Suas escolhas revelam características subjetivas que me levam ao seu discurso como um todo. Maneiras diferentes de aplicar o léxico ao discurso identificam posições e ou sistemas ideológicos diferentes (Fairclough, 2010a), levando-me à prática sócio-discursiva. A prática discursiva, por sua vez, representa a percepção da sociedade e como o

sujeito absorve ou ignora os discursos, interagindo textualmente (Fairclough, 2010a). Aproximo-me ainda mais dessa prática, ao fazer referência ao plano das ideias daquele falante e como as subjetividades são representadas. Nesse aspecto, os discursos enunciados pelos falantes podem refletir ideias próprias ou, em uma esfera amplificada, noções advindas de discursos propagados na esfera societal, o que corresponde à prática social.

Em termos práticos, intercalo os apontamentos teóricos aos excertos, o que possibilita visualizar a (re)construção de identidades culturais em meio à mescla linguística no cenário da adaptação do estrangeiro. A interface entre HO e ACD serve de sustentáculo instrumental tanto na fase inicial da pesquisa quanto na fase de investigação linguística, já que permite uma visão holística do discurso destes homens que migraram para o Brasil.

Masculinidades e migração

A discussão sobre masculinidades emerge no cenário da migração como um tema interseccional, já que as construções de interpretações

que não pertencem à língua em que a entrevista está sendo realizada. Optei por indicar entre parênteses o autor da fala seguido do ano em

que ocorreu a entrevista. Quando um mesmo entrevistado apresenta datas diferentes é porque entrevistei-o mais de uma vez.

sobre elas lidam com várias abordagens e categorias de diversas disciplinas, como representações de si e do outro, noções de diversidade em práticas sociais e identidades culturais, investigações linguísticas e histórias, para citar algumas aqui estudadas. Considero-as expressivas sobre mais diversos posicionamentos de sujeito que os homens podem apresentar discursivamente e que, por serem mutáveis, dependem das relações, interações e até mesmo dos conflitos e choque etnocêntricos para forjarem nesses sujeitos suas expressões e posições.

Stuart Hall (1997), ao discutir as representações culturais, aponta que a representação, por ser uma prática de significação, pode ser muito complexa e envolver uma vasta gama de categorias como atitudes, sentimentos, além de mobilizar os participantes. Sob ponto de vista similar, reflito que a interpretação das representações das masculinidades implica em uma multiplicidade de significados a depender daquele que a interpreta. Hall (1997) procede indicando que os significados são 'flutuantes' e, portanto, não existem condicionantes de certo ou errado, pois sujeitos diferentes apreendem os significados a partir do

seu local de fala e os resignificam em meio as suas vivências.

Bárbara Fontes (2010) possibilita uma visão sobre choque cultural, a saber: um conjunto de aptidões – físicas ou mentais – que, normalmente, fazem referência a uma cultura específica e que despertam estranhamento naquele que não pertence àquela cultura provocando, portanto, o choque cultural. Possuir ou desenvolver tais aptidões pode levar a uma redução desse choque cultural. Contudo, o choque cultural pode advir de manifestações etnocêntricas e promover (re)posicionamentos subjetivos.

O etnocentrismo, por sua vez, é uma construção que estabelece fronteiras de diferenças entre culturas e, potencialmente, cria redes de relações de poder. David Slater (1998) relembra que construções etnocêntricas não são privilégios da cultura ocidental e são advindos da dominação colonial. Aqui, verifico um etnocentrismo às avessas, isto é, ao invés de uma sensação de idolatraria e admiração pelo homem que vem da Europa, Steve experimenta sentimento contrário, na verdade de aversão e repúdio, quando relata sua experiência no México, anterior à

mudança para o Brasil:

no México era diferente, as pessoas me ignoravam, até um certo período os estudantes, porque eu lecionava em uma universidade em Guadalajara, os estudantes queriam botar pra fora todos os americanos e os estrangeiros, e com violência ... e com violência. Alguém jogou uma pedra contra mim do topo de um prédio de três andares, pedra desse tamanho [mostra tamanho de um mamão papaia], bateu no meu joelho. Então isso é muito perigoso. Eu subi lá porque era forte na época. ‘Quem foi que fez isso?’ Mas de todo jeito eu era o único estrangeiro que eles deixaram trabalhar. Pelo menos nessa faculdade de História e Letras. O único, o único. (Steve, 2012)

A figura de um homem estrangeiro, advindo de um país com histórico imperialista, para um país da América Central, o qual enfrentava à época crises políticas e econômicas com o país vizinho, igualmente influenciado pelo imperialismo, imprimiu uma experiência negativa no contato com aquela cultura. Homem, nascido em outra localidade diferente daquela onde se encontrava, na verdade, nascido em localidade que estaria associada às noções negativas para aqueles cidadãos mexicanos, e, acima de tudo, fisicamente marcado por suas origens, já que seria um sujeito alto, branco e com longos cabelos loiros, um alvo fácil para manifestantes que buscavam expor

suas insatisfações de maneira física e violenta. Falei em etnocentrismo às avessas, pois eles não se pressupõem como superiores, mas estavam em conflito político e portanto se sentiam “invadidos” pela presença do estrangeiro.

Representações são residuais e podem, ou não, ser incorporadas aos sujeitos, na forma de práticas sóciodiscursivas, de identificações e de sentimentos, de pertencimento ou de exclusão, como foi o caso Steve no México. Walter Benjamin (2000, p. 39) assevera que uma vez experienciado, o choque é apropriado pela consciência do indivíduo e transforma-se em “experiência vivida”. Aqui, Steve relatou com naturalidade sua experiência negativa no México e deixa claro que “no México era diferente”, mostrando que sua experiência na *Terra Brasilis* teria sido melhor. Mais à frente veremos que a vivência negativa foi residual, contudo serviu como trampolim na sua mudança para o Brasil.

Traços identitários podem ser utilizados para compor identidades culturais e classificar os sujeitos, como afirma Tomaz Silva (2000). Por analogia, Kathryn Woodward (2000)

menciona o corpo como pano de fundo no estabelecimento de fronteiras e definidor de identidades culturais. Norbert Elias e John Scotson (2000, p. 32) apontam-no como um “aspecto periférico das relações”, mas que pode ser definidor das posições de poder entre os grupos. Nesta linha de raciocínio, Sergio Costa (2009) mostra que o corpo é território constituinte de relações de alteridade, diferença, racismo, preconceito, poder e dominação. Miriam Goldenberg (2010) argumenta ainda que existem construções culturais sobre a estrutura física do ser humano e que podem valorizar ou desvalorizar comportamentos em sociedades diferentes.

Acima de tudo, reflito que o corpo pode ser elemento identificador. No caso de Steve foi identificador e no de Peter também. E como tal, serve a função de dispositivo de reconhecimento. Fato que pode configurar propósitos negativos, pois cidadãos locais se utilizam dos marcadores físicos para tirar proveito, por exemplo, de estrangeiros.

Retomando Connell e Messerschmidt (2005, p. 836-844), devemos fugir das noções que naturalizam os corpos, quer sejam femininos ou masculinos, já que essa naturalização reifica as relações entre os indivíduos, resumindo-as ao plano do visual e físico. Na exposição feita por Peter, ao descrever a ida ao mercado, ele se sente ‘denunciado’:

I used to go, we go sometimes to the *mercado* in Cabedelo to buy fish or go sometimes to buy fruit and now, I don't go, I stay away and my wife buys the fish and the fruit because if I go [] the price, I say, my wife says: ‘How much did you pay for that?’ And I say: ‘20 reais’. ‘Nooo Peter, you can get that for 10 reais!’ (Peter, 2013)

O uso do vocábulo ‘mercado’ em meio ao discurso proferido em língua inglesa já é um determinante léxico das escolhas feitas e que denotam sua relação híbrida com a localidade. O espaço de comércio está impresso com forte conexão que faz-se necessário o uso do termo na língua portuguesa, pois ele seria a melhor atribuição e representação de significado⁵. No que tange sua prática discursiva, observo que os hábitos dele são modificados por conta da força das relações

⁵ Sobre os discursos híbridos em narrativas de anglo-americanos ver: OUVÉNEY-KING, Janylle Rebouças (2014b). “Anglo-americanos em João Pessoa: percepções sobre língua e

cultura”. Trabalho apresentado na 25ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE) em Natal, UFRN, 03 out. 2014 e publicado nos ANAIS do evento.

interpessoais na situação comercial do mercado público, onde não há controle de preços.

O choque cultural é motivado por sua característica física e não somente pela revelação do seu sotaque, já que os mesmos viram marcadores comerciais do aumento de custos. Seu corpo o codifica, auxiliando na atribuição simultânea da relação entre identidade e a assunção de alto poder aquisitivo, por meio do recurso imagético que o representa, neste caso, homem branco europeu, mas que poderia ser da América do Norte, da Austrália, e de outros países que têm cidadãos com aparências físicas semelhantes e que, supostamente, teriam um elevado poder aquisitivo.

Sua esposa, contudo, apresenta aparência física diferente da sua e dispõe do aparato linguístico da língua portuguesa, então é ela quem agora realiza esta atividade comercial, em um jogo que permite o uso de recursos de gênero – facilitados pela díade amorosa – e da cor da pele enquanto estratégias de economia financeira⁶. Aqui diferença e exclusão estão

sincronizadas no contexto situacional em que ser homem, branco, europeu representa uma desvantagem financeira nas relações comerciais cotidianas, ausência de prestígio cultural, além é claro de evidenciar uma relação cultural de poder entre o ‘nativo’ brasileiro e o estrangeiro inglês, no que tange a atribuição de preços aos produtos comercializados. Relembrando Connell e Messerschmidt (2005) sua estrutura externa não é invisibilizada, ao contrário, é a sua visibilidade que o torna vulnerável às relações de poder culturais.

Em contextos migracionais a existência de uma relação imanente entre cidade, espaço, cultura, diversidade, identidades e imigração não pode ser obliterada, pois é na cidade e na convivência com diferentes espaços e culturas, ou seja, na diversidade, que o sujeito imigrante (re)vê sua identidade. Saskia Sassen (1997, p. 01) aponta que “a cidade concentra diversidade” e que, embora possa supor uma noção de dominação, na atualidade, torna-se um espaço de multiplicidade e troca através da

⁶ Faço uma discussão mais aprofundada sobre a relação entre o estrangeiro e a visão do outro brasileiro sobre seu corpo em “Relações discursivas de alteridade e corporificação:

“Narrativas de ingleses no Brasil”. Disponível em:
<<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/404>>.

circulação dos sujeitos. Embora não deixe de evidenciar situações em que poder e subordinação são exercidos pelos cidadãos. Se, no México Steve sentia-se ameaçado, a situação agora era traduzida por outros sentimentos ao chegar ao Brasil, a despeito de seu desconhecimento linguístico e de suas atribuições de trabalho:

quando cheguei em São Paulo e eu não falava nada Português. Eu lembro que no segundo dia, um inglês, ele era chefe, digamos do departamento [mt] Eu cheguei a ser chefe do departamento de treinamento de professores, 352 professores, e eu conheci todos, os nomes inclusive. Bom é outra coisa. [mt] Esse chefe queria me mostrar como chegar em Santo André. Santo André fica na periferia de São Paulo, tinha que pegar o ônibus até a Estação Luz e de Estação Luz pegar o suburbano. Então, chegamos, ‘amanhã’ – ele disse – ‘você vai fazer isso’. E chegamos na Estação Luz, no [na] plataforma, não tinha ninguém, esperando o trem, de repente chega um trem desse lado [aponta para a direita] e do outro lado da plataforma. Eu juro, que quase todos adolescentes, de escola, de uniforme, um mar de jovens. Eu fechei os olhos, porque eu, só me passava esse mar de adolescentes, eu esperei esse momento ‘gringo gringo gringo gringo’. Abri os olhos e nada. Passaram por mim sem nem sequer olhar. Eu disse ‘eu acho que vou amar Brasil’ [r]. (Steve, 2012)

Retomo Benjamin (2000, p. 38) quando este diz “quanto mais normal e habitual for o registro de choques por

parte da consciência, menos se deverá temer um efeito traumático por parte dos mesmos”. De fato, a experiência anterior exerceu um “trauma” que o fez fechar os olhos, mas a diferença contida na experiência na capital paulistana faz com que esse trauma seja aplacado e (re)transformado. Praticamente ser um sujeito de traços físicos marcantes, mas sem ter destaque, é essa a sensação de disjunção que o faz se sentir bem e vislumbrar a futura vida no Brasil. Seu relato é contraposto ao relato da experiência no México, onde se sentia ameaçado pelos conflitos e até vítima de violência física. Se não tivesse a experiência anterior ao Brasil, com os outros países latinos, talvez não dispusesse dessa ‘nova’ percepção quando do seu momento na estação de trem em São Paulo. Uma vez no Brasil, ele dispõe de vantagens etnocêntricas que o permitem viver com tranquilidade.

A recorrência do termo ‘gringo’ não vem por parte de um reconhecimento em ser gringo, como Thadeus Blanchette (2011) mostra em suas pesquisas com homens no Rio de Janeiro. O autor adverte que a categoria ‘gringo’ corresponde a uma maneira que o/a brasileiro/a adotou para fazer

referência a qualquer estrangeiro, *a priori*, turista e não imigrante, cujo sotaque sobressaia em sua fala quando enunciando em português. É um termo classificado como ‘não pejorativo’, porém baseado na relação com o outro brasileiro, que se coloca como nativo em oposição ao gringo, que é estrangeiro. Por outro lado, no estado do Rio Grande do Sul, o termo ‘gringo’ é, recorrentemente, utilizado para fazer referência aos descendentes de italianos. No panorama urbano da cidade de João Pessoa, os entrevistados são reconhecidos como gringos, mas não de uma maneira negativa. Quando questiono Peter sobre potenciais vantagens em seu relacionamento com a esposa ele me diz:

[pl] I don't know, I have to ask her [the wife], I don't think so.
[PL] No, I don't know, I think it would be different though, I do think it's an interesting question, there are definitely, you would know as well, not conflict, but there is, things happen when you have two different nationalities, there is sometimes differences, probably to do with culture [...]
When I was a student, sometimes, because I was a *gringo*, I think I had a good time, sometimes with females. (Peter, 2013)

Percebemos aqui, inicialmente, uma timidez em admitir as supostas vantagens em relacionamentos, deixando a cargo da esposa a resposta.

Todavia, ao final, ele acaba por apontar que quando era estudante no Brasil (já que ele veio inicialmente por conexões transnacionais de intercâmbio universitário) sua cultura, origem e, muito provavelmente, seu aparato visual exerciam certa influência fazendo com que ele tivesse prestígio nas suas relações com as mulheres brasileiras. O uso social de certos termos pode iconizá-los, transformando-os em símbolos positivos ou negativos, a depender do contexto de situação em que são expressos e também a depender da interação social e linguística daqueles que compartilham do conteúdo discutido. A constituição das ‘marcas’ sociais e físicas que os estrangeiros podem apresentar no ideário do/a brasileiro/a, ao serem representados pela figura do ‘gringo’, por sua vez, possibilita a produção de ‘fantasias’ sobre o ‘ser homem e anglo-americano’.

Desta forma, infiro que a pesquisa que traz estrangeiros no cenário de estudo pode tanto oportunizar a visão do que é ser homem e brasileiro para os sujeitos, como, igualmente, a impressão que os sujeitos estrangeiros desenvolvem sobre o que é ser um ‘homem gringo’ em terras

brasileiras, a partir do olhar e da interação social com brasileiros e brasileiras.

Homem não chora ?

O contato com a ‘nova’ cultura pode variar em escalas de sentimentos que vão desde impressionante a esmagador. Mas cada experiência adiciona um conhecimento sobre aquela prática social, uma memória sobre aquele instante vivido, uma vivência. A mudança para a sociedade-lar⁷ pode possibilitar novas manifestações de masculinidades. Sobre isso Woodward (2000) esclarece que, na sincronia entre passado e presente – e eu acrescento o futuro –, as relações identitárias são buscadas, muitas vezes, no passado, tanto em situações de contestação quanto em situações de reafirmação. Associar a mudança, por opção, à base familiar indica um recurso de (re)posicionamento do sujeito como mostra Steve ao relatar sobre o desejo de retorno à América do Sul:

eu acho que, em grande parte [era porque], minha mãe era galesa, do país de Gales, aliás ela aprendeu Inglês como segunda língua. E ela, e os galeses, talvez você não saiba, são os latinos. São poetas, cantam, recitam, choram. Meu irmão, somos dois,

eu e meu irmão, meu irmão seguiu meu pai, um tipo muito *stiff upper lip* em inglês, ele não chora em público, ele não demonstra emoção, é muito mais interior. Eu gosto de exterior, então eu me sinto muito melhor nos países latinos por motivos que só um psicólogo possa desvendar. Minha mãe. (Steve, 2012)

Demonstrar emoções aproxima das identidades culturais latino-americanas, além de possibilitar suas reais manifestações emocionais, já que no Brasil ele pode ‘se permitir’ tê-las. O uso da expressão idiomática ‘stiff upper lip’ – compreendido nesse contexto como uma pessoa forte, um termo normalmente associado com descrições sobre bretões que se mostram sem emoções, ou que não deixam transparecer suas fraquezas – revela as diferenças entre Steve e seu irmão e enfatiza seu desejo de realização pessoal em ser quem ele desejar ser. Ao final, o uso de ‘minha mãe’, embora pareça descontextualizado, serve para consolidar e validar a origem dos seus sentimentos e ações. Sua percepção de *self*, no mundo de hoje, advém das representações de membros da família. O diálogo entre passado e presente revela a forte influência materna, muito

Brasil (Ouverney-King, 2014).

⁷ Entendo que a sociedade-lar representa o local onde o sujeito se estabelece, cria vínculos e núcleo familiar, nesse caso, representada pelo

provavelmente, na força que o atraiu, inicialmente, para a Colômbia e, posteriormente, para o Brasil, em decorrência da proximidade de relações e expressões de emoções entre os galeses e os latinos, apontada discursivamente por ele.

A partir deste relato observo uma evidente mudança no que diz respeito as suas ações e ao, pretendo, papel social de masculinidades, já que uma vez morador do Brasil ele pode agir com liberdade em relação aos seus sentimentos. Aqui sua estrutura externa (Connell e Messerschmidt, 2005) não importa, a relevância está depositada nas camadas localizadas abaixo da pele, nas camadas invisíveis ao olho, porém perceptíveis à mente.

O espaço de nascimento mostra-se importante na (re)construção de identidades culturais e masculinidades em consonância com a influência familiar. Ainda que desculpas depositadas sobre a cultura sejam utilizadas por Steve, observo que no relato da diferença familiar as heranças promovem (re)descobertas sobre o *self*:

meu pai, tipicamente da minha cultura, da região dele, nunca vi ele chorar, nunca vi ele me abraçar, não pode não querer, é a cultura, isso não se faz, cada cultura tem suas características. Mas eu herdei da minha mãe, eu acho, essa parte emocional, que

agora reconheço a importância, da experiência de descobrir, onde eu podia abraçar, chorar, gritar, todas essas coisas que eram proibidos culturalmente, digamos na região onde eu nasci. (Steve, 2012)

O legado familiar paterno ele preferiu não manter, se apegando à possibilidade materna, a qual lhe permite uma parte emocional menos reservada e mais aberta aos sentimentos. Em sua reflexão sobre o passado e as ações do presente, observo um forte processo cognitivo depositado no verbo ‘reconhecer’, já que espelhado nas ações da mãe ele pôde encontrar em si, novos modos de agir e é grato por ter tido essa oportunidade, sinalizando a ‘importância’ da manifestação física e emocional. No seu novo espaço físico de morada, o Brasil, ele encontra a possibilidade social para agir como deseja, para exercitar seus sentimentos que antes ficavam guardados. No Brasil ele é naturalmente quem ele é.

Percepções culturais, e até patológicas, que atribuem aos homens a noção de ‘fortes’ quando associadas ao peso da cultura, nesse caso a inglesa, são desmitificadas nos discursos e revelam uma fuga do destino social que atribuiria um papel que lhes foi, social e culturalmente construído, como o de ser forte e de não chorar, atributos esses da

masculinidade hegemônica. Na sociedade-lar, aquela que foi uma opção de escolha, as representações de masculinidades hegemônicas são desconstruídas, permitindo ao homem estrangeiro novos (re)posicionamentos subjetivos de masculinidades não hegemônicas e maior possibilidade de agir conforme a própria vontade.

Ainda no viés que tem como cerne a família, passo ao nível da díade amorosa para exemplificar manifestação de masculinidades expressas de forma relacional nas conjugalidades. Andrew Barlow (Barlow, 2013) assim relata: “[meu pai] tentou morar na Inglaterra, mas minha mãe não se deu bem com o frio e eles retornaram”. Mais adiante, sobre a vinda para a cidade de João Pessoa ele adiciona que “o salário é ‘x’. Não era lá grande coisa, mas pela esposa, ele resolveu fazer isso” (Barlow, 2013). As masculinidades de homens estrangeiros sugerem outros agenciamentos, além dos tradicionais laborais. Em sentido adverso, elas insinuam mobilidades impulsionadas pelas relações afetivas. A díade amorosa e a formação conjugal aparecem neste cenário como elementos motivadores da vinda e consolidadores para a permanência do estrangeiro na sociedade-lar. A esposa

de David Barlow, de fato, acompanhou-o em uma tentativa de habitação na Inglaterra, porém os fatores climáticos não foram elementos facilitadores da permanência do casal e movidos por um processo conjunto de decisão retornam para a cidade de João Pessoa.

Se, inicialmente e até bem pouco tempo atrás, isto é, no início do século XX, o ‘padrão’ seria o de ‘inatividade’ da mulher que aguardava o marido na sociedade de origem, ou ainda havia a chamada clássica movimentação, em que a esposa acompanhava o marido no deslocamento, atualmente, é no cenário de motivação pela felicidade da mulher e suas insatisfações com o local de origem do esposo, a Inglaterra, que ocorre um retorno ao local de origem da esposa, neste caso, João Pessoa. Há um reposicionamento da mulher passiva que acata as decisões do marido para a composição de uma relação conjugal dialógica, cujas decisões são discutidas e avaliadas pelo casal em benefício de ambos. Muito embora no relato acima o foco estaria na saúde e no estado de espírito da esposa, David Barlow optou por uma mudança que poderia beneficiar salutarmente o casal.

Sobre as masculinidades, enquanto produções de gênero e

relacionais, estas não fazem parte de um processo inerente aos sujeitos, mas de um processo de construção, como diz Raewyn Connell (1996), tomando como fonte inspiradora Jean Paul Sartre. Sendo assim, o sujeito, ao entrar em contato com determinadas situações e instituições, pode incorporar, de imediato e por completo, atitudes que reproduzam a masculinidade dominante. Por outro lado, pode entrar em conflito e até mesmo rejeitá-la. A aceitação, ou não, de um modelo de masculinidade hegemônica pode ocorrer tanto na forma coletiva, ou em consonância com o cônjuge, como na forma de um projeto individual.

No caso de Peter, que ressalta ser um ‘dono de casa’, observo o compartilhar das tarefas domésticas como uma forma de reprodução de masculinidade não hegemônica: “yeah, I like to think that I am quite domesticated. I am a househusband. We don’t have, there is another thing, and again it’s a cultural thing, we don’t have a maid or a *secretário* []” (Peter, 2013). Considero importante ressaltar que em tempos de recessão financeira, quando pagar uma pessoa para executar as tarefas do lar, a exemplo de cozinhar e limpar, pode exigir grandes despesas. Além disso, existe ainda a dupla jornada

feminina de trabalho – em que a mulher tanto se desloca para um local para desempenhar um ofício, quanto realiza tarefas domésticas e familiares, ocasionando em um excesso de atividades. Nesse sentido, um homem que se dispõe a compartilhar as incumbências do lar seria quase a personificação do ‘companheiro ideal’ para muitas mulheres, ou no vocabulário popular ‘o sonho de consumo’. Outro detalhe interessante é o fato dele usar o termo ‘secretário’, ao invés de secretária, sinalizando, talvez, que as profissões não estão relacionadas ao gênero e mais às funções desempenhadas pelo trabalhador. Em tempo: o termo secretária é, muitas vezes, permutado com ‘empregada’, buscando suavizar lexicalmente a ocupação mas não as atividades desempenhadas. Por secretária ser mais associado a uma funcionária que, potencialmente, trabalharia em escritórios, assessorando indivíduos com um algum nível de poder, o termo agregaria um certo glamour, ao passo que empregada estaria mais associado a ideia de subordinação.

Nos primórdios dos estudos de gênero, havia uma maior concentração nas questões relativas às mulheres e à luta política do movimento feminista,

obliterando as evidências de que as mudanças sociais permitem – e têm – efeitos transformadores sobre as masculinidades e os estudos que se voltam para suas constituições na contemporaneidade. Atualmente, quando, em estudos de gênero, o termo ‘masculinidades’ aparece, muitas vezes é associado ao estudo de violências psicológicas ou físicas (Vidal, 2005; Cerda e Bustos, 2005; Connell, 1996; Montesinos, 2005) contra homens ou mulheres, aos atos de violência homofóbica, ao estudo de masculinidades hegemônicas ou não hegemônicas e suas associações com criminalidades e machismo, pesquisas sobre a dominação masculina (Bourdieu, 1998), ou ainda sobre a ordem patriarcal, a misoginia e a família (Escorcia, 2005). Vidal (2005) elabora sobre o caráter heurístico das masculinidades e que, por não ser possível conhecê-las em suas completudes, faz-se necessário um estudo amplo e transdisciplinar.

Aqui minha proposta se alia a de Vidal (2005) e vai além ao trazer uma abordagem interdisciplinar e relacional, que não pode ser estudada de forma isolada e necessita não apenas de homens, bem como de mulheres, em sua constituição. Noção esta que se

alinha à reflexão de Óscar Cerda e María Bustos (2005) ao mencionarem as masculinidades como escopo dos estudos sociais que vem se ampliando cada vez mais. Londa Schiebinger (2001) ilustra sobre a inexistência de significados universais acerca dos referenciais sobre masculinidades e feminilidades pois, a cada momento, histórico e social, estes irão captar novos significados e significantes. Além disso, feminilidades e masculinidades são complementares. Logo, não é possível elaborar sobre uma sem a presença da outra.

As expressões dos sentimentos de amor, confundem as fronteiras tradicionais dos atributos de gênero e aproximam masculinidades e feminilidades, reescrevendo práticas discursivas sobre as afetividades entre sujeitos de origens culturais adversas. Peter, por exemplo, arrola seus sentimentos como centrais para sua mobilidade. É registrada nessa narrativa a constatação de uma motivação fundamental para a migração: o amor. Materializar o amor romântico no discurso, como incentivo, evidencia novas formas de masculinidades que se distinguem dos atributos tradicionais e presentes no imaginário popular, de que os homens não compartilham, ou não

manifestam, publicamente, seus sentimentos. Ainda que tenham havido idas e vindas entre as duas sociedades, é a figura feminina que traz Peter em definitivo a João Pessoa:

[...] at the end of that year, met my, my future wife. And fell in **love** and so when I returned to England, that, in the summer of 2000 I [] [quick break to close the windows due to upcoming rain]. So in June, in 2000, I went back to England, I was completely **apaixonado**, completely **heartbroken**. And so **I worked again**, came back to Brazil **again** for a period of time straight way that summer. Then I had to finish my degree at university. Finished my degree, my wife came to visit me in Leeds, June that year, as well. And as soon as I graduated I came to Brazil and so that's kind of why, for love, I suppose. (Peter, 2012)

Apesar da razão da primeira viagem do Peter ter sido com o intuito acadêmico-profissional de aprender mais sobre a língua e a cultura do país, é no encontro com sua amada que se materializa a motivação para o migrar definitivo. Em meio ao discurso ministrado em inglês, a ocorrência da palavra 'apaixonado' é de essencial importância, já que evidencia, na língua da sociedade-lar, como Peter sentia-se à época em que conheceu sua esposa, servindo, do mesmo modo, para descrever seu estado emocional ao dar-se conta da necessidade de retorno ao

país natal.

Na qualidade de cidadão inglês, Peter poderia ter usado qualquer outra expressão em sua língua mãe tão representativa quanto 'apaixonar-se', como *fall in love* ou *to become spellbound*, para citar algumas. Contudo, optou pela expressão brasileira, talvez por essa exprimir mais 'nacionalmente' seu sentimento em relação à 'futura esposa', uma cidadã brasileira. Nesse sentido, observo que a utilização transferencial de termos em Português durante a enunciação discursiva em Inglês não é acidental, mas intencional. Os códigos linguísticos e as convenções culturais são interpretados e enunciados à luz da cultura em que os sujeitos estão inseridos.

Esse tipo de inserção linguística torna manifesta a relação entre o sujeito e a cultura da sociedade onde este se encontra, mas não posso obliterar o fato de que, ao verbalizá-la, Peter faz sobressair que, somente na enunciação daquele termo em português ele é capaz de expressar seu sentimento como ele os percebe. A utilização de termos em português brasileiro materializa um sentimento de pertencimento com o *ethos* linguístico brasileiro. Assim, expressar em inglês essa palavra talvez

não obtivesse a mesma articulação de valores e crenças que o termo possui e articula em português, além do fato, é claro, de Peter marcá-la de modo reforçado com sua forte entonação. ‘Estar apaixonado’ evidencia a convicção dele em relação a sua esposa brasileira, e ele não poderia evidenciá-la de melhor forma senão em português. Tal fato poderia ser considerado uma vantagem dos homens estrangeiros em relação à produção discursiva sobre os homens locais – nesse caso, os homens do nordeste –, já que estes seriam considerados homens violentos, que se destacam pela ‘valentia’ excessiva, pela crueldade – contra homens e contra mulheres –, os ditos “cabras machos”, e que, nos estudos de Albuquerque Junior (1999) sobre literatura de cordel, aproximam masculinidade e virilidade.

Aqui, a tênue linha entre língua, discurso e prática social é manifestada através do uso da transferência linguística e da performatização semântica de masculinidades estrangeiras (Blanchette, 2011), através das quais os homens de origem diferente da local seriam mais educados, mais atenciosos e, por que não, mais apaixonados, a ponto de comunicar seus sentimentos abertamente e com maior intensidade.

Seguindo o mote do amor romântico e da expressão mais aberta sobre o *self* que sente e que ama, entendo que o casamento, enquanto figura institucional de consolidação das conjugualidades, através da legalidade, estabiliza a permanência no território brasileiro, quando existem dúvidas sobre o retorno às origens ou sobre o trânsito constante: “[...] I came in 2007 precisely because of the fact that we were getting married [...]” (Kevin, 2012). Com a proximidade dos laços conjugais serem, de fato, atados, a mulher exerce a força que atrai o homem e o desloca para cá.

O casamento funciona como o ápice da expressão e chancela da afetividade. Nas palavras de Steve: “[...] em vez de voltar, terminando o contrato, me casei. E isso foi o estopim né? De finalmente abraçar algo da, significativo da cultura local [...]” (Steve, 2012). Nesse excerto, ele faz referência ao retorno para a Inglaterra que, na verdade, foi evitado já que ao se casar com um brasileira, não precisava mais retornar, pois teria seus direitos legais de imigrante assegurados e validados pela união conjugal. É interessante mencionar também que o uso lexical de ‘estopim’ associa semioticamente a figura

institucional do casamento ao campo semântico de pólvora, ou ainda, fogo à deflagração de um acontecimento que causa surpresa, sinalizando alteração ou transformação na vida do sujeito. Se, por um lado, poderia estar atrelado à noção de destruição ou afastamento, através do que foi elaborado, por outro lado o termo 'estopim' é agregado ao sentimento positivo como o de um abraço que, contrariamente à destruição, remete à união, fraternidade e afeto.

Ao comporem seus casamentos de forma transcultural, os sujeitos fogem ao modelo hegemônico, sociocultural e, porque não, (pré)determinado, no que tange a formação de famílias. Seguindo os versos de "Aquarela do Brasil" (Barroso, 1939), eles encontram no Brasil o local do 'seu amor' que, posteriormente, transforma-se no Brasil da sua família.

Ressalto o quão importante é pensar em masculinidades não de uma forma ideologizada, isto é, não enquanto dispositivo de uso de poder de um grupo sobre outro, ou como referência dominante já que, quando imposta a primazia de um significado, ou conceito, em detrimento de outro, perde-se a comunicação de significados

(Cerdeira e Bustos, 2005). A ideologização de conceitos faz com que ocorra um processo de sistematização conceitual e, conseqüentemente a retirada da característica mutável do conceito, prescrevendo características hegemônicas.

Assim, as relações de gênero são percebidas como processos, mostrando que tais categorias são mutáveis, passando por transformações e não podendo ser consideradas fixas. Além disso, são contingentes por não serem previsíveis, podem ser construídas nas mais diversas esferas sociais e interacionais e não precisam dos mesmos elementos para serem concebidas, podem se amalgamar através de variadas combinações, originar novas nuances e (re)posicionamentos subjetivos em diferentes espaços, histórias, contextos. Tal perspectiva permite investigar as relações entre homens e mulheres no cenário migratório e como as mudanças e os posicionamentos subjetivos são (res)significados.

À guisa de conclusão

Observo que a aplicação plural e relacional do conceito de masculinidades evidencia variadas

contribuições para o (re)posicionamento subjetivo de alguns homens que migram no sentido Norte→Sul. Os estudos que interseccionam História Oral, Análise Crítica do Discurso, Gênero, Estudos Culturais, Migrações e Interdisciplinaridade auxiliam na revelação desses (re)posicionamentos. Muito embora não tenhamos registros claros sobre como esses homens vivenciavam suas masculinidades na sociedade de origem, ou como eram as relações de gênero até o momento que antecede a mudança, já que o estudo buscava conhecer as motivações migracionais, é por meio dos relatos que são apontados indícios de masculinidades hegemônicas que são remodeladas no percurso que os desloca para o Brasil.

Se, em alguns momentos as diferenças culturais em meio ao cenário da adaptação são marcadas por exclusões, como é o caso da formação de guetos nos Estados Unidos ou no Reino Unido, para citar alguns países, na situação dos sujeitos aqui entrevistados as diferenças aparecem no sentido de acrescentar valores, comportamentos e sentimentos até então ‘desconhecidos’ deles e que são incorporados aos seus modos de agir.

Ou ainda a localidade segmenta a possibilidade de sentir e expressar sentimentos que na sociedade de origem não seriam cultural ou socialmente ‘aceitos’. Se a aparência física pode denunciar-lhes e causar dissabores como a inflação de determinados produtos, é na cultura comportamental, no modo como outros cidadãos locais dirigem-se a eles – sujeitos estrangeiros –, no modo como interagem que as aproximações e fusões relacionais ocorrem.

A adaptação é marcada por experiências negativas e positivas, os choques culturais. Não obstante, eles são pedras fundamentais na formação da memória desses sujeitos e na construção de (re)posicionamentos subjetivos. É a fuga do destino social, daquilo que foi ‘predestinado pela cultura’, que permite aos sujeitos se (re)descobrirem, que permite vivências e alavanca-os para a busca e realização do que desejam. O local é palco do estabelecimento de afinidades, tanto no plano do apreço pelo espaço geográfico em si, quanto por pessoas.

Os hábitos e as práticas sociais desses homens anglo-americanos que migram para João Pessoa podem até configurar vantagem em relação ao homem local, quando falamos da dÍade

amorosa. Os processos de identificação e representação conferem ora relações de poder do 'nativo' brasileiro sobre o estrangeiro, ora prestígio, na díade amorosa. A demonstração de sentimentos é, inclusive, agenciada pela influência familiar, seja na forma de uma herança materna ou na formação da sua família. Práticas sociais e culturais somam-se às apropriações linguísticas que os sujeitos tomam para si revelando-os integrados hibridamente ao *ethos* brasileiro.

As narrativas são marcadas por um 'quê' de hibridismo linguístico ao mesclar português e inglês e vice-versa. Mesmo sabendo que poderiam usar termos correspondentes em sua língua nativa, eles 'sentem' na língua, da qual estão apropriando-se, um modo de marcarem seu discurso de forma cultural. Se deslocam para um hibridismo cultural e identitário por meio do qual expressam subjetividades, ora com base na origem, ora com base nas novas lições culturais.

Retomo Lord Byron para enfatizar que a adversidade que os sujeitos aqui encontram funciona como um caminho do encontrar a si próprio, é a busca da realização do *self*, e da busca do autoconhecimento. As adversidades, vivenciadas como choques culturais, se

deslocam da esfera do choque e se transformam em experiências, desprendendo masculinidades do hemisfério norte e cruzando as fronteiras até o hemisfério sul, gerando sujeitos híbridos e realizados pessoal e profissionalmente.

Referências bibliográficas

Alberti, Verena (2005), "Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC", In: CPDOC, Rio de Janeiro, 2005. 11p. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arg/1505.pdf>. Acesso em: 26 set. 2012.

Albuquerque Junior, Durval Muniz de (2008), "O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região", *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 10, n. 17, jan/jun., 55-67.

Barlow, David (2013), "O professor é nosso segredo", In: SOUSA, Luiz Carlos. *Correio da Paraíba*, Interjornal, João Pessoa, 30 jun.

Barroso, Ary (1939), *Aquarela do Brasil*, Intérprete: Gal Costa, In: *Aquarela do Brasil*. Brasil: Universal Import., p. 1990. 1 CD. Faixa 12.

Benjamin, Walter (2000), *A modernidade e os modernos*. 2a ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

Blanchette, Thadeus Gregory (2011), "Fariseus' e 'Gringos bons': masculinidade e turismo sexual em Copacabana", In: PISCITELLI, Adriana; et al. (orgs.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*.

Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 57-102.

Bourdieu, Pierre (1998), “Conferência do prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada”, In: LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas, SP: Papirus, 11-27.

Cerda, Óscar Rodríguez; Bustos, María de Lourdes Ambriz (2005), *Representaciones sociales y masculinidad*. In: Montesinos, Rafael (coordinator). *Masculinidades emergentes*, Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 147-180.

Connell, Raewyn (1996), “Politics of changing men”, In: *Australian Humanities Review*, Australia, Disponível em: <http://www.australianhumanitiesreview.org/archive/Issue-December-1996/connell>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

Connell, Raewyn; Messerschmit, James W (2005) “Hegemonic masculinity. Rethinking the concept”, In: *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, Disponível em: <http://gas.sagepub.com/content/19/6/829>>. Acesso em: 10 set. 2012.

Costa, Claudia de Lima (2001), “Feminismo fora do centro: entrevista com Ella Shohat”, In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 147-163, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8607.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

Costa, Sérgio (2009), “Diferença e identidade: a crítica pós-estruturalista ao multiculturalismo”, In: VIEIRA, Liszt (org), *Identidade e globalização. Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. Rio de Janeiro:

Editora Record, 33-86.

Escorcía, Eva Patricia Tolalpa (2005), “La masculinidad en el nuevo contexto cultural: un invitado ausente”, In: MONTESINOS, Rafael (coordinator), *Masculinidades emergentes*, Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 181-217.

Elias, Norbert; Scotson, John L (2000), “Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders”, In: _____, *Estabelecidos e outsiders*, *Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 19-50.

Fairclough, Norman (2010a), *Discourse and social change*. Cambridge, UK: Blackwell Publishing Ltda.

Fairclough, Norman (2010b), *Critical Discourse Analysis. The Critical Study of Language*. 2ª ed. Longman Applied Linguistics. London: Longman.

Fontes, Bárbara de Souza (2010), “A cultura na sociologia contemporânea: identidade, narrativas e estratégias de ação”, In: *Enfoques*, Revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ, vol, 09; n. 01. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>>. Acesso em: 29 jun. 2013. ISSN: 1678-1813

Goldenberg, Mirian (2010), “The Body as Capital: Understanding Brazilian Culture”, In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 7, n. 1, Brasília, ABA. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v7n1/mirian-goldenberg-the-body-as-capital/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

Hall, Stuart (1997), *Representations. Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage and The Open University.

Montesinos, Rafael (2005), *Masculinidades emergentes*. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México.

Ouverney-King, Janylle Rebouças (2014). *Escape às origens: e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa*. Tese de doutorado. Orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma; coorientadora, Carmen Silvia de Moraes Rial. Florianópolis: UFSC.

Portelli, Alessandro (1993), “Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores”, In: *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

Sassen, Saskia (1997), “Ethnicity and space in the global city: a new frontier?”, In: Delgado Ruiz, Manuel (ed.) (1997). *Ciutat i immigración*. Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona, Disponível em: <http://www.cccb.org/rcs_gene/ethnicity_space.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2013.

Schiebinger, Londa (2001), *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC.

Silva, Tomaz Tadeu (org. e trad.) (2000), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

Slater, David (1998), “Post-colonial questions for global times”, In: *Review of International Political Economy*, vol. 5; n. 04, Routledge, ISSN: 0969–2290.

Vidal, Margarita Zárate (2005), “Cuerpos, masculinidades y antropología, a propósito de la construcción de la(s)

masculinidade(s)”, In: MONTESINOS, Rafael (coordinator). *Masculinidades emergentes*. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 79-106.

Woodward, Kathryn (2000), “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, In: Silva, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Data de Recebimento: 30/03/2015

Resultado de Avaliação: 25/05/2015